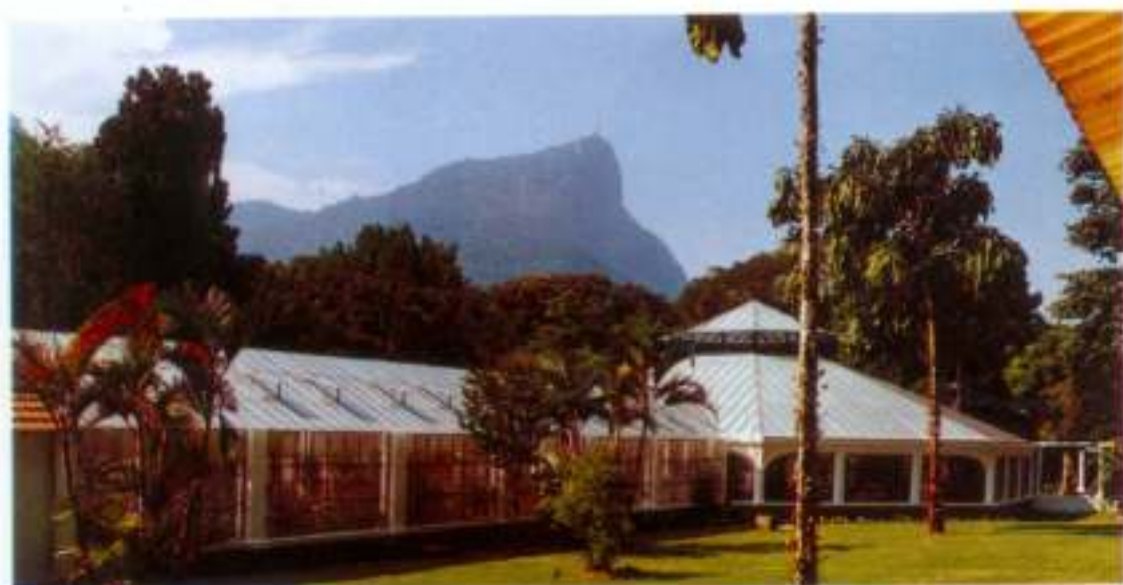


JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO REINAUGURA SEU ORQUIDÁRIO

por Delfina de Araujo^(*)



Sérgio Araujo

de Janeiro é composto de uma estufa de vidro construída no século passado, de um ripado e de outras áreas internas e externas e sua recuperação está sendo possível graças ao esforço conjugado de várias pessoas e de vários setores que vêm executando um tra-

A surpresa e a incredulidade dos participantes da 15ª Conferência Mundial de Orquídeas ao constatarem que o Orquidário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro se encontrava fechado, demonstrou, de maneira inequívoca, a importância dessa instituição no meio botânico e orquidófilo em particular. Trata-se de uma instituição respeitada mundialmente por seus pesquisadores e cientistas.

Infelizmente para a comunidade científica e também para quase meio milhão de visitantes anuais, este conjunto encontrava-se fechado depois de ter vivido, desde a sua inauguração, diversas fases, inclusive períodos de glória.

Agora, finalmente nós o temos de volta.

Um país que possui mais de 10% das 25.000 espécies existentes no mundo, sem contar com as que aqui se adaptaram como se fossem nativas, não pode prescindir de ter um orquidário que tenha um acervo realmente representativo de nossas espécies.

O orquidário do Jardim Botânico do Rio

balho intenso desde 1995.

Visando a restabelecer seu papel de centro de pesquisa e cultivo com a realização de estudos sobre reprodução, biologia e diversidade da família Orchidaceae, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro elaborou um projeto chamado "Programa Orquídea". Este programa tem a coordenação de Antonio Toscano Brito, PhD em Sistemática de orquídeas, pós graduado pela Universidade of Reading Royal Botanic Gardens, Kew, Inglaterra. É, ainda, supervisionado pela bióloga Marta Leitman, graduada pela Universidade do Rio de Janeiro e está, também, sob responsabilidade da paisagista Esther Bonder nos aspectos de sua especialidade.

Este projeto está sendo executado em duas etapas. A primeira que abrange a restauração e a ampliação da estrutura física já está sendo executada e o público já pode ter acesso à belíssima estufa, desde abril, quando ela foi reaberta com uma exposição pequena porém selecionada onde participaram diversos orquidários comerciais do Rio e que contou com a

organização e participação da Orquidário.

A reforma da estufa de vidro foi executada graças ao aporte de recursos financeiros do Governo Federal através do Ministério do Meio Ambiente. A reforma do ripado está sendo completada assim como o tratamento paisagístico do contorno do orquidário.

O projeto de recuperação, de manutenção e de identificação da coleção de orquídeas do Jardim Botânico está sendo realizado graças à adoção feita pelo joalheiro Antonio Bernardo, no contexto da campanha "Adote o Jardim Botânico e entre para a história". Ele tornou-se responsável pela remuneração de jardineiros, supervisor técnico e coordenador científico. Ainda dentro desta etapa, está previsto o enriquecimento da coleção de orquídeas com a edificação da Coleção Nacional de Orquídeas através de intercâmbio com instituições científicas, doações de colecionadores e expedições científicas aos ecossistemas nacionais. Segundo o cronograma de execução, esta primeira fase estará concluída até setembro 98.

A segunda etapa do programa, que terá início em outubro de 1999, prevê a reprodução de espécies nativas através do sementeio, principalmente daquelas que são raras ou estão ameaçadas de extinção, e reintrodução no seu habitat natural, assim como fornecer sementes a produtores interessados. Serão executadas pesquisas no âmbito científico sobretudo no que diz respeito à taxinomia, biologia reprodutiva e aspectos horticulturais.

Por ocasião da reinauguração do orquidário pudemos entrevistar uma das responsáveis pelo projeto, Marta Leitman:

- Marta, gostaria que você nos falasse um pouco da história do orquidário, das dificuldades pelas quais ele tem passado e do empenho que vocês têm feito para recuperá-lo.

- Quanto à questão da estufa em si, não se sabe muito sobre a sua história, sabe-se que ela data do século passado. Temos umas fotos de



Sérgio Arujo

como ela era antes de ser em vidro e ferro, quando tinha ainda sua estrutura em madeira mas com o mesmo formato octogonal. A estufa, em seu período áureo, tinha uma coleção bastante para a história". Ele tornou-se responsável pela remuneração de jardineiros, supervisor técnico e coordenador científico. Ainda dentro desta etapa, está previsto o enriquecimento da coleção de orquídeas duas ou três vezes por ano.

- Com relação às coletas e classificação de plantas, qual será o procedimento?

- A idéia é ter, na coleção, plantas representativas de cada ecossistema, mesmo que não sejam raras, que sejam comuns e também visamos a buscar espécies novas, não catalogadas, pois nós sabemos que ainda há muito coisa a ser descrita. Não temos muita informação sobre a totalidade do acervo que temos no momento. Isto para a ciência é uma coisa muito complicada. Para você identificar uma planta, para ter certeza do nome que você está dando a ela, é importantíssimo saber a procedência e mesmo para entender se o que você está vendo é uma coisa realmente comum ou não, se está ameaçada ou não. Esta relação da ocorrência delas é super importante e nós não temos nenhuma informação das plantas que temos aqui, não sabemos quem coletou, quando, aonde. É isto que nós queremos começar a fazer, um

trabalho básico e bem fundamentado.

- Qual o acervo de vocês, no momento?

- As plantas que temos são as que encontramos aqui, elas foram re-arrumadas e estamos fazendo um tratamento fito-sanitário pois estavam cheias de pragas. Também sob a orientação da Quinta do Lago, de 3 em 3 meses nós fazemos uma pulverização. Praticamente nós já erradicamos as pragas existentes, os defeitos são reminiscências de ataques anteriores. Estamos adubando toda semana e basicamente agora é rega, atenção, adequar a luminosidade, ir sempre rearrumando.

- Haverá uma política de intercâmbio de informações?

- Sem dúvida, já existe um oferecimento. O Toscano fez doutorado em Kew e o orientador dele, Philipp Cribb, um grande especialista em orquídeas, já abriu as portas para nós. Está nos mandando publicações, pois nós precisamos muito de bibliografia para poder identificar o que nós temos. Esteve aqui um especialista americano chamado Carlyle Luer, que levou muitas flores para identificar e nos manda os desenhos, as identificações. Quanto à esta parte científica, o intercâmbio existe naturalmente e sempre existiu. O Jardim Botânico é muito considerado mundialmente em termos de sistemática, de modo que este intercâmbio já existe e vai continuar cada vez melhor.

- Vocês irão publicar os trabalhos desenvolvidos aqui?

- A idéia é que aqui se torne um centro de produção científica, como já é o Jardim Botânico, como é a linha da instituição. Nós estamos muito no começo, precisamos conseguir estagiários, equipamento básico, que é uma boa lupa com câmera clara para poder observar as flores todas e desenhá-las. Nós estamos começando com o básico que é catalogar o que nós temos aqui. Nós coletamos, descrevemos as características e as cores antes de colocar no álcool, etc. Estamos fazendo o básico mas a idéia é poder seguir nos trabalhos de sistemática.

- Como vai ser a captação de recursos

para estes projetos?

- Por ser uma experiência pioneira para o Jardim Botânico, a parceria com Antonio Bernardo foi feita só por 2 anos. Independente do patrocínio para manutenção da coleção, nós vamos ter que procurar patrocínio para as excursões, que são caras. Nós temos que ir à Amazônia, ir a lugares distantes e tem que ir com pessoal, isto implica em transporte, diárias, etc.

Nós vamos ter que conseguir também patrocínio para pesquisa porque nós precisamos de algum equipamento, isto a princípio o Conselho Nacional de Pesquisas nos dá, é só uma questão de começar a pedir bolsistas e equipamentos o que não é muito caro, um computador, uma lupa, com R\$ 15.000, nós podemos ter tudo que precisamos.

Não há ainda uma experiência de como tomar o orquidário lucrativo. Outros lugares do mundo já o fazem, como por exemplo, o Orquidário do Jardim Botânico de Singapura que é uma coisa fenomenal, tem 5 andares, uma construção gigantesca, a entrada no Jardim Botânico é de graça e a do orquidário é paga. Não sei se eles vendem mudas mas acredito que sim (*). Isto seria também uma possibilidade, mas isto tudo é muito recente. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro só teve autonomia do IBAMA agora. Tornou-se um instituto há poucos meses. Gerir a receita, buscar patrocínios, tudo é novidade. Nós estamos engatinhando neste processo mas eu acho que o potencial é enorme.

(*) esta entrevista foi realizada para a home page Brazilian Orchids - <http://delfina.simplenet.com>

(**) NR - O Jardim Botânico de Singapura, além de mudas vende frascos com orquídeas semeadas, vasos coletivos, publicações, fotos e, ainda, presta outros serviços, como classificação, identificação de plantas, etc.



Vista interna da bela estufa central do Orquidário do Jardim Botânico, em estilo de época, tendo seu partido arquitetônico inspirado nos modelos europeus, que, como se sabe pela grande quantidade de plantas mortas ali, não primavam pela habitabilidade para os espécimes que, nelas, eram abrigados. Sabe-se que eram uma tentativa de reproduzir, nos climas frios da Europa, o calor úmido das florestas tropicais, o

que redundou em sucessivos fracassos.

Esta, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, terá que ser repensada para melhorar sua ambiência. Tem os seguintes defeitos: pouca ventilação, excesso de calor e de luminosidade. Os problemas a solucionar são acrescidos do fato de ser tombada, o que constitui importante limitação e desafio aos técnicos da instituição.